

Peter Thiel
com BLAKE MASTERS

DE
ZERO
A
UM

O QUE APRENDER SOBRE
EMPREENDEDORISMO COM O VALE DO SILÍCIO

Tradução
Ivo Korytowski



Copyright © 2014 by Peter Thiel

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Zero to One

Capa
Adaptação de Barbara Estrada sobre design original de Michael Nagin

Gráficos
Rodrigo Corral Design

Ilustrações
Matt Buck

Revisão
Carolina Rodrigues
Bruno Fiuza
Eduardo Rosal

Editoração eletrônica
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T366d

Thiel, Peter

De zero a um: O que aprender sobre empreendedorismo com o
Vale do Silício / Peter Thiel; tradução Ivo Korytowski. – 1. ed. – Rio
de Janeiro: Objetiva, 2014.

Tradução de: *Zero to One*

215 p. ISBN 978-85-390-0620-5

1. Economia. 2. Empreendedorismo. I. Título.

14-16239

CDD: 330

CDU: 330

Sumário

<i>Prefácio: De zero a um</i>	7
1 O desafio do futuro	11
2 Festejar como se fosse 1999	18
3 Todas as empresas felizes são diferentes	29
4 A ideologia da concorrência	41
5 A vantagem de quem chega por último	51
6 Você não é um bilhete de loteria	66
7 Siga o dinheiro	89
8 Segredos	100
9 Fundações	115
10 A mecânica da máfia	126
11 Se você desenvolver, eles virão?	134
12 Homem e máquina	148
13 Enxergando verde	161
14 O paradoxo do fundador	181
<i>Conclusão: Estagnação ou singularidade?</i>	199
<i>Agradecimentos</i>	205
<i>Créditos das ilustrações</i>	207
<i>Índice</i>	209

Prefácio

DE ZERO A UM

CADA MOMENTO NOS NEGÓCIOS ocorre uma só vez. O próximo Bill Gates não criará um sistema operacional. O próximo Larry Page ou Sergey Brin não desenvolverá um mecanismo de busca. E o próximo Mark Zuckerberg não fundará uma rede social. Se você está copiando essas pessoas, não está aprendendo com elas.

Claro que é mais fácil copiar um modelo que criar algo novo. Fazer o que já sabemos leva o mundo de 1 a n , ampliando o que nos é familiar. Mas sempre que criamos algo novo, vamos de 0 a 1. O ato de criação é singular, assim como o momento da criação, e o resultado é algo original e estranho.

A não ser que invistam na difícil tarefa de criar coisas novas, as empresas norte-americanas fracassarão no futuro por maiores que sejam seus lucros hoje. O que acontece quando já ganhamos todo o possível com o ajuste fino das velhas linhas de negócio que herdamos? Por mais improvável que pareça, a resposta ameaça ser bem pior que a crise de 2008. As “melhores práticas” atuais levam a becos sem saída; os melhores caminhos são os caminhos novos e não testados.

Num mundo de enormes burocracias administrativas, tanto públicas como privadas, buscar um novo caminho pode parecer estar à espera de um milagre. Na verdade, para as empresas norte-americanas triunfarem, precisaremos de centenas, até de milhares, de milagres. Isso seria deprimente, não fosse um fato crucial: os seres humanos se distinguem das demais espécies pela capacidade de operar milagres. Chamamos esses milagres de *tecnologia*.

A tecnologia é milagrosa porque nos permite *fazer mais com menos*, levando nossas capacidades fundamentais para um nível mais alto. Outros animais são instintivamente induzidos a construir coisas como barragens ou favos de mel, mas somos os únicos capazes de inventar coisas novas e formas melhores de fazê-las. Os humanos não decidem o que construir escolhendo em algum catálogo cósmico de opções previamente apresentadas. Pelo contrário, ao criarmos novas tecnologias, reescrevemos o plano do mundo. Esses são os tipos de verdades elementares que ensinamos aos alunos do segundo ano do ensino fundamental, mas são fáceis de esquecer num mundo onde quase tudo o que fazemos é repetir o que já foi feito.

De zero a um é um livro sobre como construir empresas que criem coisas novas. Inspira-se em tudo que aprendi diretamente como cofundador do PayPal e da Palantir e depois como investidor em centenas de startups, incluindo Facebook e SpaceX. Mas, embora eu tenha observado muitos padrões e os relate aqui, este livro não oferece nenhuma fórmula para o sucesso. O paradoxo de ensinar empreendedorismo é que tal fórmula necessariamente não pode existir. Como cada inovação é original e única, nenhuma autoridade consegue prescrever em termos concretos como ser inovador. De fato, o padrão mais poderoso que observei é que pessoas bem-sucedidas acham valor em lugares inesperados, e o fazem pensando nos negócios com base em noções primitivas em vez de fórmulas.

Este livro resulta de um curso sobre startups que ministrei em Stanford, em 2012. Estudantes universitários podem se tornar extremamente hábeis em umas poucas especialidades, mas muitos jamais aprendem o que fazer com essas habilidades no mundo mais amplo. Meu objetivo básico ao ministrar o curso foi ajudar meus alunos a verem, além das trilhas abertas pelas especialidades acadêmicas, o futuro mais vasto que lhes cabe criar. Um desses estudantes, Blake Masters, tomou notas detalhadas, que circularam bem além do campus, e em *De zero a um* trabalhei com ele revisando as anotações para que o texto atingisse um público maior. Não há razão para o futuro acontecer apenas em Stanford, ou na faculdade, ou no Vale do Silício.

1

O DESAFIO DO FUTURO

SEMPRE QUE REALIZO uma entrevista de emprego, gosto de fazer esta pergunta: “Sobre que verdade importante pouquíssimas pessoas concordam com você?”

Esta pergunta soa fácil por ser direta. Na verdade, é dificílima de responder, porque por definição existe um consenso sobre os conhecimentos ensinados na escola. E ela é psicologicamente complicada, pois qualquer um que tente respondê-la precisa dizer algo sabidamente impopular. O pensamento brilhante é raro, mas a coragem é ainda mais escassa do que a genialidade.

Mais comumente, ouço respostas como:

“O nosso sistema educacional está falido e precisa urgentemente de reparos.”

“Os Estados Unidos são excepcionais.”

“Não existe Deus.”

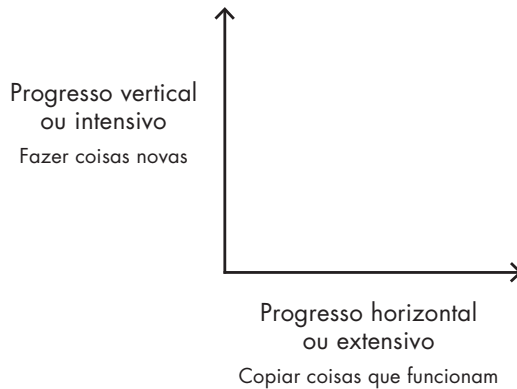
Essas são respostas ruins. A primeira e a segunda afirmações podem ser verdadeiras, mas muitas pessoas já concordam com elas. A terceira afirmação simplesmente diz respeito a um debate familiar. Uma resposta boa assume a seguinte forma: “A maioria acredita em x , mas a verdade é o oposto de x .” Darei minha própria resposta adiante neste capítulo.

O que essa pergunta contestadora tem a ver com o futuro? No sentido mais restrito, o futuro é simplesmente o conjunto de todos os momentos ainda por vir. Mas o que torna o futuro singular e importante não é o fato de que ainda não ocorreu, e sim de que será uma época em que o mundo parecerá diferente de hoje. Nesse sentido, se nada em nossa sociedade mudar nos próximos cem anos, o futuro está a cem anos de distância. Se as coisas mudarem de maneira radical na próxima década, o futuro está próximo. Ninguém consegue prever o futuro exatamente, mas sabemos duas coisas: será diferente e deve estar enraizado no mundo atual. Muitas respostas à pergunta contestadora são formas diferentes de ver o presente. Boas respostas se aproximam ao máximo de prever o futuro.

DE ZERO A UM: O FUTURO DE PROGRESSO

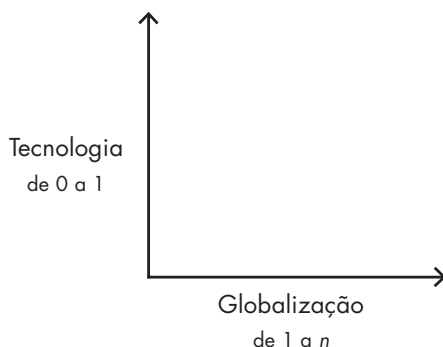
Quando pensamos no futuro, esperamos um futuro de progresso. Esse progresso pode assumir uma das duas formas. O progresso horizontal ou extensivo significa copiar coisas que funcionam — ir de 1 a n . Ele é fácil de imaginar porque já conhecemos sua aparência. O progresso vertical ou intensivo significa criar coisas novas — ir de 0 a 1. Este é mais difícil de imaginar porque requer fazer algo que ninguém fez antes. Se você pega uma máquina de escrever e fabrica cem, fez um

progresso horizontal. Se você tem uma máquina de escrever e desenvolve um processador de texto, fez um progresso vertical.



No nível macro, a palavra para progresso horizontal é *globalização* — pegar coisas que funcionam em algum lugar e fazer com que funcionem em todos os lugares. A China é o exemplo paradigmático da globalização. Seu plano de vinte anos é tornar-se o que os Estados Unidos são hoje. Os chineses vêm copiando diretamente tudo o que tem dado resultado no mundo desenvolvido: ferrovias do século XIX, ar-condicionado do século XX e mesmo cidades inteiras. Eles podem até saltar algumas etapas no caminho — passar direto ao celular sem instalar telefones fixos, por exemplo —, mas mesmo assim estão copiando.

A palavra para o progresso vertical, de 0 a 1, é *tecnologia*. O rápido progresso da Tecnologia da Informação (TI) nas últimas décadas tornou o Vale do Silício a capital da “tecnologia” em geral. Mas não há motivo para a tecnologia se limitar aos computadores. Entendida da maneira correta, qualquer forma nova e melhor de criar coisas é tecnologia.



Como globalização e tecnologia são modos diferentes de progresso, é possível ter ambos, um dos dois ou nenhum ao mesmo tempo. Por exemplo, o período de 1815 a 1914 foi de desenvolvimento tecnológico rápido e globalização rápida. Entre a Primeira Guerra Mundial e a viagem de Kissinger para reatar relações com a China, em 1971, houve rápido desenvolvimento tecnológico, mas pouca globalização. Desde 1971, temos visto globalização rápida com um desenvolvimento tecnológico limitado, confinado na maior parte à TI.

Esta era da globalização tornou fácil imaginar que as próximas décadas trarão mais convergência e mais mesmice. Até nossa linguagem cotidiana sugere que acreditamos num tipo de fim da história tecnológica: a divisão do mundo nas chamadas nações desenvolvidas e nações em desenvolvimento implica que o mundo “desenvolvido” já alcançou o alcançável e que as nações mais pobres precisam apenas chegar lá.

Mas não creio que isso seja verdade. Minha própria resposta à pergunta contestadora é que a maioria das pessoas acha que o futuro do mundo será definido pela globalização, mas a verdade é que a tecnologia é mais importante. Sem mudança tecnológica, se a China dobrar sua produção